



GT 35. Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Coordenador(es):

Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glauco Batista Ferreira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalhos nas Reuniões de Antropologia do Mercosul e em Simpósios de Pesquisas Pós-Graduandas nos Encontros Anuais da ANPOCS, este grupo de trabalho se foca nas relações entre arte e política, pensando-as a partir dos diferentes modos pelos quais as articulações entre estas esferas se engendram de modos distintos e se expressam nos cenários sociais contemporâneos. Pensar a arte em seus efeitos políticos e refletir sobre a política através de ações, de objetos, de imagens e performances artísticas tem sido uma constante em diferentes pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e especialmente no campo antropológico nos últimos anos. Propomos acolher investigações que refletem sobre agências através de imagens, materialidades, objetos, trabalhos realizados a partir de performances e de expressões e práticas corporalizadas, de práticas de organização coletiva e de ações e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo dessas formas sociais que são ao mesmo tempo artísticas e políticas. Dessa maneira, incentivamos a submissão tanto de trabalhos que problematizam as relações entre arte e política em suas intersecções com marcadores sociais da diferença quanto pesquisas que exploram como as maneiras pelas quais a prática etnográfica se dá nos interstícios de práticas artísticas.

Gênero, raça e sexualidade em performances de pole dance

Autoria: Annelise Campos Gonçalves (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O pole dance, atividade que consiste na realização de acrobacias em uma barra vertical, teve um crescimento considerável na última década no país, e vem se tornando cada vez mais popular. Anteriormente desenvolvida apenas por acrobatas circenses, a atividade passou a ocupar academias e studios de dança, onde foi encarado como um exercício que pode ser praticado por qualquer pessoa. Em seus vieses esportivo, artístico e/ou sensual, o pole dance abre uma gama de possibilidades performáticas através de apresentações em campeonatos, festivais, mostras e plataformas virtuais. Particularmente sobre campeonatos, é preciso considerar que estes se dividem de acordo com estilos específicos do pole dance, alguns dos quais já mencionados acima. Em seus regulamentos, estes campeonatos abrem e fecham possibilidades artísticas e estéticas, que são também políticas. Grande parte das performances realizadas dentro de um contexto artístico e/ou sensual, abordam temáticas como racismo, homofobia, violência de gênero e empoderamento feminino. Performances estas que contrastam com aquelas realizadas em campeonatos esportivos, uma vez que nestes há uma proibição de temas considerados políticos. A intenção deste artigo é se debruçar sobre essas performances, explorando as temáticas que elas fazem emergir, bem como articulá-las com uma discussão mais ampla sobre a legitimação da atividade e seu atual cenário. Entendemos através desta pesquisa que estética e política são categorias que andam juntas, e que a divisão do pole dance em vertentes, assim como a criação de estilos e campeonatos, estão diretamente ligadas a questões como classe, gênero, raça e sexualidade.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: